

Ei, você!: protagonismo e representatividade de personagens negros(as) na literatura infantil e juvenil


Hey, you!: protagonism and representativity of black characters in children's and young adult's literature

Ei, você!: protagonismo y representación de personajes negros en la literatura infantil y juvenil


Kilma Cristeane Ferreira Guedes¹

 0000-0002-0888-2867

Vânia Maria Castelo Barbosa²

 0009-0005-2715-027

Renata Junqueira de Souza³

 0000-0003-2227-2544

RESUMO: A educação antirracista, por meio da literatura, pode contribuir significativamente para a formação literária de crianças, adolescentes e jovens, bem como para a sensibilização de professores (as) de Língua Portuguesa, principais mediadores de leitura na escola. Sendo assim, objetiva-se analisar o protagonismo e a representatividade de personagens negros (as) no livro ilustrado, “*Ei, você!: um livro sobre crescer com orgulho de ser negro*”, de Dapo Adeola (2021). Busca-se verificar se a narrativa valoriza a cultura, a história, a identidade e as subjetividades de personagens negros (as), e se estabelece uma relação adequada do texto-imagem, contribuindo para a educação antirracista. Para tanto, recorreu-se à revisão bibliográfica, cujo aporte teórico-metodológico apoia-se nos estudos de Silva (2007), Gomes (2008), Oliveira (2022), Asante (2009), entre outros. Ademais, as análises dos elementos associados à materialidade do livro e aos seus paratextos apoiam-se em Linden (2011) e Nikolajeva e Scott (2011). O estudo aponta a relevância da literatura infantojuvenil de boa qualidade estética associada à mediação adequada da obra, valorizando personagens negros (as) em diferentes e em amplos espaços sociais. Portanto, tais aspectos são considerados indissociáveis para que seja possível promover a formação

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: kilmacristeane@uol.com.br.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: vaniasmcb@gmail.com.

³ Doutora em Letras e livre-docente. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: renata.lit.junqueira@gmail.com.

literária e combater o racismo e o preconceito para além do contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: educação antirracista; formação literária; texto-imagem.

ABSTRACT: Anti-racist education through literature can significantly contribute to the literary education of children, teenagers and young people, as well as to the awareness of Portuguese language teachers, the main mediators of reading at school. Therefore, this article aims to analyze the protagonism and representation of black characters in the illustrated book, *“Hey, you!: an empowering celebration of growing up black”*, by Dapo Adeola (2021). The aim is to identify whether the narrative values the culture, history, identity and subjectivities of black characters, and positive text-image relationship is established, contributing to the anti-racist fight. In this way, a bibliographical review was used, whose theoretical-methodological contribution is based on studies by Silva (2007), Gomes (2008), Oliveira (2022), Asante (2009), among others. Furthermore, the analysis of the elements associated with the materiality of the book and its paratexts are based by Linden (2011) and Nikolajeva and Scott (2011). The study highlights the relevance of children's and young adult literature of good aesthetic quality associated with adequate mediation of the book, valuing black characters in different and broad social spaces. Therefore, such aspects are considered inseparable so that it is possible to promote literary education and combat racism and prejudice beyond school context.

KEYWORDS: anti-racist education; literary education; text-image.

RESUMEN: La educación antirracista a través de la literatura puede contribuir significativamente a la formación literaria de niños, adolescentes y jóvenes, así como a la sensibilización de los profesores de lengua portuguesa, principales mediadores de la lectura en la escuela. Siendo así, el objetivo es analizar el protagonismo y representación de los personajes negros en el libro ilustrado, *“Ei, você!: um livro sobre crescer com orgulho de ser negro”*, de Dapo Adeola (2021). El objetivo es verificar si la narrativa valora la cultura, la historia, la identidad y las subjetividades de los personajes negros, y se establece una relación adecuada y positiva del texto-imagen, contribuyendo a la educación antirracista. Para ello, recurrió a la revisión bibliográfica, cuyo aporte teórico-metodológico se apoya en los estudios de Silva (2007), Gomes (2008), Oliveira (2022), Asante (2009), entre otros. Además, los análisis de los elementos asociados a la materialidad del libro y sus paratextos se apoyan en Linden (2011) y Nikolajeva y Scott (2011). El estudio señala la relevancia de la literatura infantil y juvenil de buena calidad estética asociada a la mediación adecuada de la obra, valorando a los personajes negros en diferentes y amplios espacios sociales. Por lo tanto, estos aspectos se consideran inseparables para que sea posible promover la formación literaria y combatir el racismo y el prejuicio más allá del contexto escolar.

PALABRAS CLAVE: educación antirracista; formación literaria; texto-imagen.

Introdução

As facetas e as múltiplas possibilidades das leituras de literaturas destinadas a crianças, adolescentes e jovens vêm impulsionando a produção, a circulação e a recepção de obras com temáticas diversificadas. Entre elas, aponta-se as construídas em uma perspectiva antirracista que buscam combater a discriminação,

o preconceito e educar para o respeito à diversidade sociocultural. Mais recentemente, enfoca-se questões que envolvem a identidade, o protagonismo e a representatividade de personagens negros (as).

No contexto escolar brasileiro, segundo Bezerra e Negreiro (2020), a leitura de literaturas com temáticas afro-brasileiras foi impulsionada, especialmente, devido à sanção das leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Tais normas inserem no currículo escolar da Educação Básica os conteúdos sobre a História e a Cultura africana, afro-brasileira e indígena (Brasil, 2003, 2008). Desse modo, essas leis trazem “a possibilidade de inserção do negro no currículo escolar, partindo-se daí para uma intenção de implementar a prática de visibilidade, a de ocupar os espaços que antes se fincavam apenas na cultura branca eurocêntrica” (Bezerra; Negreiro, 2020, p. 268).

Os autores supracitados observaram mudanças nas formas de representar personagens negros (as) na Literatura Infantil e Juvenil (LIJU). O estudo, cujo recorte se baseou nas publicações de títulos após os anos 2000, revelou que as narrativas tentam superar a imagem da pessoa negra, pobre, subalternizada, associada aos estereótipos negativos (feio, mal, desleal). Entretanto, algumas obras ainda se concentraram na discussão sobre a estética, particularmente, do cabelo e da cor da pele, e da afirmação de uma identidade negra brasileira.

Já o estudo de Johnson (2020), que também analisou as formas de representação de personagens protagonistas negros (as) na LIJU, aponta que, entre os anos de 1970 a 1990, podem-se encontrar títulos⁴ que reforçam uma representação estereotipada, depreciativa e negativa da pessoa negra, também situada em um cenário de medo, precária condição social, violência e pobreza.

Ainda conforme a autora, apesar do aumento da circulação de obras literárias sobre a temática, faz-se necessário criar critérios de seleção dessas obras e investir na formação de professores (as), especialmente, de Língua Portuguesa, considerando a educação antirracista. Assim, o título a ser mediado em sala de aula pode se tornar uma ferramenta exitosa, a fim de rasurar o racismo, romper com os

⁴ Na Biblioteca Nacional, na Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil, em editoras de São Paulo e de outros Estados, conforme indicações de especialistas e pesquisadores (as) da temática.

estereótipos negativos que ainda persistem no imaginário das pessoas não negras (e negras).

À vista disso, objetiva-se analisar a obra intitulada *Ei, você!: um livro sobre crescer com orgulho de ser negro*⁵, de Dapo Adeola (2021), observando as categorias protagonismo e representatividade de personagens negros (as), a partir da relação texto-imagem e dos aspectos literários, estéticos, linguísticos, visuais, gráficos etc., da obra, que possam contribuir para a luta antirracista.

A seleção da obra buscou atender aos seguintes critérios: título com publicação recente; preferência por autor (a) e ilustrador (a) negro (a); e narrativas que abordassem de forma positiva o protagonismo de personagens infantis, adolescentes ou jovens negros (as). Assim, foram pesquisadas obras nas quais o personagem negro (a) fosse mais que o (a) personagem principal, com ações que representassem de forma consciente sua postura, seus valores, seus modos de pensar, agir e falar, pautados na riqueza cultural de seus ancestrais africanos e afro-brasileiros.

Nessa direção, este artigo, recorreu à revisão bibliográfica, tomando como aporte teórico-metodológico os estudos de Silva (2007), Gomes (2008), Silva e Severo (2022), Oliveira (2022), entre outros, que discutem a perspectiva da LIJU antirracista e das relações étnico-raciais positivas. Na primeira parte deste escrito, discutem-se as categorias protagonismo e representatividade de personagens negros (a), associadas ao conceito de agente e agência, à luz da afrocentricidade em Asante (2009), cujas reflexões podem contribuir para a formação literária antirracista do (a) professor (as), provável mediador (a) da leitura desta obra em estudo.

Na segunda parte, discute-se sobre os elementos da materialidade da obra, seus paratextos e as relações entre texto-imagem, que envolvem a análise do livro ilustrado, com base nos estudos de Linden (2011) e Nikolajeva e Scott (2011). Ademais, apontam-se também os aspectos literários, éticos e estéticos como a ludicidade e a fabulação, considerados indispensáveis na literatura infantil e juvenil.

⁵ O título original do livro em inglês é *Hey, you!: an empowering celebration of growing up black*, publicado em 2021, no Reino Unido, pela Editora Puffin. No Brasil, o livro foi publicado em 2021, pela editora Companhia das Letrinhas e publicada por Stefano Volp.

Protagonismo e representatividade de personagens negros (as) na LIJU

No momento em que este trabalho estava em fase de escrita, repercutia nas mídias a lamentável notícia do assassinato de Thiago Menezes Flausino, adolescente negro de 13 anos, morador da Cidade de Deus, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, cuja vida foi ceifada precoce e covardemente (Thiago foi morto com cinco tiros), em uma violenta ação policial, segundo testemunhas ouvidas pela reportagem do G1 (Adocessente [...], 2023). Ainda segundo a reportagem e de acordo com o Instituto Fogo Cruzado, 47 adolescentes e crianças foram baleadas em 2023, resultando em 21 óbitos.

Diante disso, Juliana Prates Santana (2020) denuncia em sua coluna, no portal de notícias *Lunetas*, que, no Brasil, há “[...] um conjunto de crianças cujos corpos são sempre os alvos das balas perdidas, das ações fracassadas do Estado [...] A violência que mata meninas e meninos pretos e pobres no Brasil não é um acidente, é um ‘projeto de Estado’”. Projeto esse, que pode ser caracterizado como um dos aspectos do racismo estrutural (Almeida, 2018), engendrando estruturas políticas e econômicas que moldam a sociedade brasileira.

Essa breve exposição justifica a importância da discussão na escola sobre o racismo e suas árduas consequências para as pessoas negras, especialmente, crianças, adolescentes e jovens pobres e/ou em risco de vulnerabilidade social. Até pelo fato de que esses sujeitos têm acesso a notícias de violência, por meio da mídia televisiva, das redes sociais ou já vivenciaram outros tipos de violências contra as pessoas negras.

De acordo com Santana (2020), a charge, abaixo, assinada por Nando Motta, publicada nas redes sociais e na mídia, denuncia os assassinatos de Ágatha Félix (morta aos 08 anos, em 2019, no Morro do Alemão – RJ) e João Pedro (morto aos 14 anos, em 2020, em São Gonçalo – RJ), ambos os casos resultantes de operações policiais em comunidades.

A charge, conforme explica Ramos (2010, p. 21), é “um texto de humor que

aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário”. Contudo, o objetivo do chargista, dessa vez, não foi humorístico, mas sim, chamar a atenção e sensibilizar os leitores sobre as mortes de crianças negras cada vez mais constantes e decorrentes de ações violentas, principalmente em comunidades periféricas brasileiras.

Figura 1 – Charge de Nando Motta, retratando João Pedro e Ágatha Félix



Fonte: (Santana, 2020).

Na imagem, Ágatha, fantasiada de Mulher-Maravilha, recebe João Pedro no céu. A ilustração chama a atenção para o fato de que há muitas outras crianças e adolescentes negros (as). Assim como a charge, os livros ilustrados infantojuvenis apresentam, por meio da narrativa escrita e/ou visual, texto-imagem, elementos simbólicos, afetivos, estéticos, entre outros, que podem e devem ser explorados de diversas maneiras, inclusive, para combater o racismo.

Nesta seção, aponta-se a relevância do protagonismo e da representatividade de personagens negros (as) na LIJU como formas de conscientizar e educar crianças, adolescentes e jovens, negros e não-negros, para uma cultura antirracista e a favor das relações étnico-raciais positivas, que respeitem as diferenças e as diversidades socioculturais, especialmente, das vozes minoritárias. Para tanto, recorre-se a reflexões a partir da provocação proposta por Oliveira (2022): será que há um esforço coletivo para a implementação da discussão da temática antirracista no contexto escolar? Em suas palavras

[...] é importante entender que a aprovação da Lei Federal 10.639/03

(BRASIL, 2003), bem como outras que a sucedem resultam de décadas de resistência, reivindicação e proposição dos movimentos negros e demais aliados à causa antirracismos. Traçar estratégias para implementar na sala de aula é uma responsabilidade dos dirigentes do país, dos coordenadores, supervisores, diretores e educadores, independente do cargo ou função que desempenham (Oliveira, 2022, p. 138-139).

Entre tantas barreiras que podem estar associadas à falta da implementação eficaz das referidas leis nas salas de aulas, Gomes (2008) identifica na formação docente, inicial e continuada, a insuficiência ou a ausência de disciplinas que discutam a temática nos cursos de licenciaturas e pós-graduação, das Instituições de Ensino Superior (IES). Além disso, a autora menciona que há iniciativas em IES brasileiras, inserindo, por exemplo, a discussão das relações étnico-raciais, a partir da ministração de cursos de extensão, discussões em núcleos e grupos de pesquisa em parcerias com os movimentos sociais e redes de ensino municipal e/ou estadual. No entanto, essas ações ainda são insuficientes, uma vez que “[...] lamentavelmente, os cursos de formação docente ainda mantêm uma estrutura curricular de caráter disciplinar, gradeada e fechada à introdução dessas e de outras questões tão caras aos movimentos sociais e tão presentes em nossa vida cotidiana” (Gomes, 2008, p. 97).

Em adição ao aspecto insuficiente da formação docente, há escolas que ainda não inseriram a temática de forma mais fundamentada e sistematizada em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Proposta Pedagógica Curricular (PPC). Assim como professores (as) não a inseriram em seus Planos de Curso, caracterizando uma “pedagogia das ausências” na formação docente (Gomes, 2008, p. 99).

Nesse sentido, Gomes (2008, p. 99) destaca a necessidade de busca por práticas educativas na perspectiva da pedagogia das emergências que objetiva “a investigação das alternativas pedagógicas já existentes nas práticas sociais e políticas dos movimentos sociais, das diversas ações coletivas e sua articulação com o espaço escolar”. Tais ponderações podem auxiliar, por exemplo, os (as) professores (as) de Língua Portuguesa, na reflexão sobre como a LIJU contribui, de forma mais contundente, para uma educação de enfrentamento dessas problemáticas.

Dessa forma, faz-se necessário reforçar o que Silva e Severo (2022, p. 6)

mencionam sobre o papel da LIJU e sua relevância para as crianças, pois “[...] é importante pensarmos a Literatura Infantil como uma janela para o mundo ao qual a criança é apresentada, cada história, cada ilustração mostra possibilidades de ser e de existir no mundo a partir do que os personagens vivem”. Desse modo, a fotografia de Ágatha fantasiada de Mulher-Maravilha, que inspirou o chargista, remete ao quão significativo é uma personagem para uma criança, despertando o poder da ludicidade, da fabulação e de viver “como se” fosse um herói ou uma heróina.

É sob esse viés que a análise e a mediação da obra, *Ei, você!: um livro sobre crescer com orgulho de ser negro*, de Dapo Adeola (2021), deve-se pautar, considerando amplas possibilidades de leituras e estimulando os (as) leitores (as) a exercitarem a ludicidade, fabulação, sensibilização e identificação com os (as) personagens. Com esse propósito, vale apresentar brevemente alguns aspectos da obra, destacando que o autor e ilustrador, Dapo Adeola, um jovem negro britânico, descendente de nigerianos, convidou dezenove ilustradores (as) negros (as) de diferentes nacionalidades, para ilustrá-la. Inclusive, a obra conta com o trabalho da soteropolitana, Lhaiza Morena, incumbida de ilustrar em página dupla, páginas 20 e 21, doze personalidades brasileiras negros e negras, que serão apresentadas na próxima seção.

Esse foi um dos pontos que motivou a escolha deste título, pois, se por um lado a obra evidencia o trabalho colaborativo de ilustradores (as) negros (as), por outro, ela permite visibilizar o protagonismo de pessoas negras reais, personalidades tomadas como referências positivas. Essa atitude valoriza homens e mulheres que atuam ou atuaram em diversas áreas e campos de conhecimentos, e que se destacaram por seus respectivos trabalhos, ocupações, cargos de lideranças e pela luta em prol das pessoas negras e de outros grupos minoritários.

Essa postura do autor faz diferença na construção de uma obra e, possivelmente, na sua recepção. Na dedicatória, por exemplo, percebem-se a sensibilidade, a afetividade, o reconhecimento e a valorização das pessoas negras. Uma mensagem de luta está sendo transmitida pelo autor, em suas palavras, “este livro é dedicado a todas as crianças da diáspora negra, tanto os jovens quanto os mais velhos. Foi escrito por **nós**, ilustrado por **nós** e nasceu do amor por **nós**”

(Adeola, 2021, p. 7, grifos do autor).

Além da dedicatória, o autor fez uma apresentação, contextualizando o processo de criação do livro que “[...] nasceu como uma resposta afetiva aos eventos de 2020: a trágica história de George Floyd⁶, os protestos globais que se seguiram e o despertar em massa para os impactos do racismo estrutural” (Adeola, 2021, p. 9).

Seria uma mera coincidência que um dos motivos do “nascimento” do livro tenha sido devido ao “falecimento” de uma pessoa negra? E mais ainda, o falecimento que foi provocado também por ações policiais como os casos no Brasil, de “crianças matáveis” (Santana, 2020)? Não, infelizmente, não é uma mera coincidência. Percebe-se, portanto, que as lutas das pessoas negras estão interligadas, seja no Brasil ou em outros países. Dapo ainda reitera que “[...] raramente havia pessoas negras no centro das histórias, na posição de heróis. Escrevi este livro na esperança de que ele possa ajudar as futuras gerações de crianças negras a se sentirem fortalecidas e vistas” (Adeola, 2021, p. 9).

O conceito de afrocentricidade, definido por Asante (2009), reafirma a visão de que pessoas negras são agentes de sua própria vida, com seus próprios meios e modos de ser, pensar e falar, pois

[...] a ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. [...] a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (Asante, 2009, p. 93).

O autor destaca ainda que, apesar da formulação do conceito, sua prática ainda esbarra em dificuldades, até porque o povo negro africano atuou por muitos anos e ainda atua à margem de uma cultura eurocêntrica. Assim, para Asante (2009, p. 93), “muito do que estudamos sobre a história, a cultura, a literatura, a linguística, a política ou a economia africanas foi orquestrado do ponto de vista dos interesses

⁶ O assassinato desse afro-americano (1973-2020) por um policial branco em uma abordagem, nos EUA, teve repercussão internacional, culminando na organização de vários protestos. A sua história e morte tornaram-se uma luta contra o racismo (Caratchuk, [2021]).

européus”.

Dessa forma, compreende-se que, assim como Dapo, nem sempre uma pessoa negra (africana ou afrodescendente) se reconhece de imediato como sujeito agente, que age de forma consciente como protagonista de sua trajetória de vida. Isso pode ocorrer devido à ausência ou escassez de representatividade de pessoas negras em diversos campos de conhecimento e atuação ou pelo fato de existir uma severa tentativa de invisibilizá-las, silenciá-las e de apagar suas histórias e seus legados.

Todo esse contexto sociocultural se reflete na literatura, inclusive na literatura infantil e juvenil. Portanto, ressalta-se que a noção de representatividade proposta neste trabalho é compreendida como uma forma de referenciar personagens, especialmente, crianças e adolescentes negros (as), para impactar, influenciar positivamente a (re)construção da identidade do leitor como uma pessoa negra. Ou ainda, como forma de (auto)identificação e (auto)afirmação positiva da pessoa negra, a partir de uma literatura que desvele, de forma favorável e profícua, os elementos estéticos, éticos, linguísticos, comportamentais etc., das personagens negras; e que considerem, sobretudo, a riqueza da cultura e da história africana e afro-brasileira.

Sendo assim, é nessa perspectiva que a narrativa se inicia, de forma afetuosa, carinhosa e atenciosa, apresentando um (a) bebê negro (a) acolhido por seus pais, conforme a figura 2, a seguir. No entanto, a história não nomeia personagens, assim como não se trata de contar uma história de um (a) único (a) personagem, e sim, de vários (as), que representam pessoas negras, bebês, crianças, jovens, adultos e idosos. Personagens que, ao longo da narrativa, apresentam-se como protagonistas em diferentes fases da vida, da infância à fase adulta, e em diversas situações, lugares e espaços públicos e privados.

Figura 2 – Trecho inicial da obra, Ei, você!



Fonte: Adeola (2021, p. 10-11). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

A obra evidencia também as possibilidades de atuação profissional para uma personagem negra adolescente, que se imagina uma pessoa adulta em várias “versões” profissionais, atuando como médica, cientista, cantora, desenhista/artista plástica, astronauta, jogadora de futebol, veterinária e juíza.

Figura 3 – Trecho da obra, Ei, você!



Fonte: Adeola (2021, p. 22-23). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

As versões imaginadas pela personagem podem ser associadas à perspectiva da afrocentricidade como a representação de agente “[...] um ser humano capaz de agir de forma independente em função de seus interesses. Já a *agência* é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana” (Asante, 2009, p. 94).

Nesse sentido, concorda-se com Silva e Severo (2022), ao destacar a LIJU como forma de afirmar a diversidade cultural e a urgência de se respeitar as diferenças, pois

[...] é por meio das histórias que as crianças começam a compreender o mundo: conseguem interpretar e dar vazão a sentimentos, vivenciam as experiências dos personagens a partir de um lugar seguro e compreendem sua própria existência através da escuta ou leitura. Desta forma, a literatura para a diversidade promove a ampliação de referenciais culturais e de mundo e a compreensão sobre o outro, o próximo – seu ponto de vista, sua interpretação de mundo. As representações existentes nos livros infantis constroem sentidos, já que a literatura é um meio de conhecermos a diversidade humana (Silva; Severo, 2022, p. 8).

Sendo assim, a narrativa, a partir da leitura do texto-imagem, contempla também elementos da cultura africana ou da sua diáspora, reconhecendo e valorizando, por exemplo, a ancestralidade, representada na imagem abaixo, por diversas fotografias das gerações passadas, de uma outra família que é apresentada na narrativa. Essas fotografias retratam de forma positiva e valorativa os antepassados da criança que está sendo acolhida pelos pais.

Figura 4 – Trecho da obra, Ei, você!



Fonte: Adeola (2021, p. 12-13). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

Observa-se que, nas ilustrações, as famílias não são retratadas em lugares associados ao medo, à dor, à tristeza, à pobreza, à violência, e sim, em um ambiente seguro, higienizado, aconchegante, alegre, colorido e harmonioso. Assim, combate-se os estereótipos negativos e pejorativos de personagens de pessoas

negras retratadas na LIJU em décadas passadas, conforme apresentado na seção introdutória. Compreende-se, portanto, que o protagonismo e a representatividade de personagens negro (as), quando situados de forma positiva e mediada de forma adequada, podem romper com versões negativas e estereotipadas.

Em associação aos elementos até aqui discutidos, outros que envolvem a materialidade do livro, como objeto e seus paratextos, serão analisados no tópico a seguir. Assim, observa-se a relação entre o texto-imagem, linguagem verbal e não verbal, e as categorias protagonismo e representatividade de personagens negros (as) como formas de rasurar o racismo.

***Ei, você!:* um livro ilustrado e suas possibilidades de enfrentamento do racismo**

O livro ilustrado destinado às crianças, aos adolescentes e aos jovens apresenta especificidades que influenciam a sua criação, produção, circulação e recepção. Assim, elementos que, em um romance, por exemplo, podem ser percebidos apenas como um detalhe, no livro ilustrado destinado a esse público-alvo são repletos de sentidos, simbologias e significados.

Dessa forma, analisar a materialidade desse tipo de livro e seus paratextos se torna uma tarefa desafiadora e instigante. Logo, faz-se necessário averiguar não somente a relação texto-imagem, sua disposição nas páginas e ao longo da narrativa, mas também a realização gráfica, o formato, o tamanho do livro, as cores e as fontes utilizadas, elementos que se repetem, entre tantos outros aspectos que constituem o livro como objeto (físico).

No entanto, a elaboração desses elementos vincula-se à temática e/ou por ela é influenciada, tornando-se um conjunto coerente, cujos aspectos literários possam contribuir também para a construção de sentidos e significados, por meio da imaginação, fabulação e sensibilização.

Sendo assim, a discussão do livro ilustrado como objeto apoia-se em Nikolajeva e Scott (2011) e Linden (2011), contemplando as análises dos seguintes elementos de sua materialidade: formato, tamanho e textura do papel. E de

elementos paratextuais como capa, título, guardas, quarta capa, folha de rosto etc.

O formato do livro em análise é regular e vertical. Essas dimensões, conforme Linden (2011, p. 52-53), revelam um livro um pouco mais alto do que largo, também conhecido como formato *à francesa*. A autora menciona ainda que, “[...] assim como o pintor escolhe sua tela, o criador do livro ilustrado, compõe em função das dimensões do livro”. Um exemplo disso é o uso das páginas duplas na obra em estudo, sugerindo um efeito panorâmico, conforme se observa nas figuras 3 e 4, da seção anterior.

Este livro, com dimensões intermediárias (nem muito grande, nem muito pequeno), foi confeccionado em capa dura, possui lombada e suas páginas são costuradas. Já o papel utilizado nas páginas internas é do tipo alta alvura, fabricado pela Suzano S.A., e suas páginas possuem uma textura que é agradável ao toque.

Figura 5 – Capa e quarta capa da obra, *Ei, você!*



Fonte: Adeola (2021). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

Observa-se, na imagem acima, a capa do livro (*à esquerda*), com a imagem ao centro de um (a) bebê negro (a), dormindo confortavelmente, segurado (a) de forma acolhedora e protetora, possivelmente, pelas mãos de seus genitores. Segundo Linden (2011, p. 57), para a capa são direcionados os “primeiros olhares, primeiros contatos com o livro [...], [pois] a capa constitui antes de mais nada um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da leitura”.

Nesse aspecto, a capa do livro sugere acolhimento, afeto e segurança. Chama a atenção o fato do (a) bebê estar sendo segurado (a) carinhosamente tanto pelo pai quanto pela mãe, assumindo uma posição de centralidade.

Já o título se utiliza do vocativo, convidando o leitor para a leitura, e o subtítulo dá indícios do que se trata a narrativa. A realização gráfica e a relação texto-imagem se apresentam como um conjunto harmonioso e coerente, podendo se configurar também como um convite às pessoas negras, despertando o interesse e a curiosidade, especialmente das crianças. Assim, tais aspectos podem influenciar a escolha da obra, pois para Nikolajeva e Scott (2011, p. 308), o título é “[...] parte importante do texto como entidade, e muitos estudos empíricos mostram que jovens leitores frequentemente escolhem (ou rejeitam) livros por causa dos títulos”.

Na quarta capa ou contracapa (figura 5, à direita), predomina a cor preta em contraste com a cor branca da fonte utilizada na mensagem da atriz, Taís Araújo, apresentando dizeres positivos ao centro, que repetem trechos da narrativa como “Você é uma *criança maravilhosa*” (Adeola, 2021, p. 14, grifos do autor).

As guardas iniciais e finais do livro são as mesmas e apresentam um tema infantil, como se fossem um papel de parede em estilo lúdico e colorido, pois lembram brincadeiras e objetos de uso de crianças, principalmente, na primeira infância. Elas retratam também bebês, crianças bem pequenas e também crianças maiores, todos (as) negros (as) brincando e se divertindo. De certa forma, as guardas, particularmente as iniciais, preparam o leitor para o início da narrativa, instigando-o e motivando-o a levantar hipóteses sobre o tema, o ambiente, personagens, entre outros elementos.

Devido à limitação estrutural deste escrito, foram selecionados trechos da obra que retratam, por meio da relação texto-imagem, o protagonismo e a representatividade de pessoas negras, o respeito às diferenças e à diversidade cultural dos sujeitos.

Ademais, observam-se também os aspectos literários como maneiras de fomentar a ludicidade, a fabulação e a sensibilização nas crianças. Tais aspectos, podem ser apreciados na figura 6, a seguir, que retrata um ambiente alusivo à sala de leitura ou à biblioteca escolar, onde os personagens infantis estão lendo diversos

livros. Entre eles, há uma menina negra que, ao ler, consegue se imaginar como protagonista de fábulas e contos como a personagem das histórias de *Chapeuzinho Vermelho* e de *Alice no país das Maravilhas*.

Evidencia-se que a relação do texto-imagem retrata e, ao mesmo tempo, tenta desenvolver no leitor a capacidade de fabular, brincar e imaginar, a partir da metanarrativa, como uma história que conta outra.

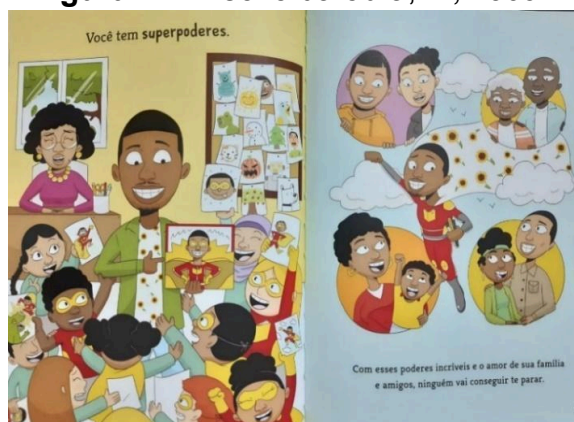
Figura 6 – Trecho da obra, *Ei, você!*



Fonte: Adeola (2021, p. 14-15). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

A obra explora a representatividade de pessoas negras, por meio da alusão à figura do herói, que também se pode relacionar à charge apresentada na seção anterior, em que Nando Motta (Santana, 2020) retratou a Ágatha como heróina, fantasiada de Mulher-Maravilha.

Figura 7 – Trecho da obra, *Ei, você!*

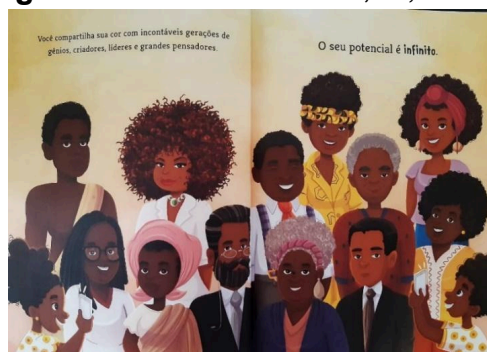


Fonte: Adeola (2021, p. 42-43). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

Essa ideia pode ser observada na imagem, acima, na qual o personagem negro, retratado como super-herói, é admirado por todas as crianças, independentemente de raça, etnia, cultura, etc. Isso revela o quanto a imagem do herói/heróina para as crianças é simbólica e universal.

Observam-se, na imagem a seguir, doze personalidades brasileiras negras⁷, homens e mulheres, que podem ser consideradas como heróis e heroínas reais para muitas pessoas, contribuindo para dar visibilidade a pessoas negras. Nessa perspectiva, a obra reforça que as crianças e os jovens negros (as) podem e devem buscar, de forma consciente, ocupar diferentes espaços na sociedade.

Figura 8 – Trecho da obra, *Ei, você!*



Fonte: Adeola (2021, p. 20-21). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

Figura 9 – Trechos da obra, *Ei, você!*



Fonte: Adeola (2021, p. 16-17, p. 30-31). Imagens capturadas pela autora, arquivo pessoal.

⁷ No final do livro, há páginas extras com informações complementares. Na página 51, encontra-se em versão de miniatura da ilustração, identificando e comentando brevemente sobre doze personalidades brasileiras: Zumbi dos Palmares, Elza Soares, Milton Santos, Lélia Gonzalez, Gilberto Gil, Marielle Franco, Benedita da Silva, Sueli Carneiro, Dandara, Machado de Assis, Conceição Evaristo e Lima Barreto. Constam também informações sobre o autor, os (as) dezenove ilustradores (as) e sobre a atriz Taís Araújo. Há também uma miniatura da ilustração que retrata as personalidades negras estrangeiras, com nomes e breves informações sobre cada uma delas.

Já na figura 9, são apresentados dois personagens negros (as): uma criança com deficiência física e uma jovem com vitiligo. Isso configura uma possível tentativa de dar visibilidade aos sujeitos reais que também possuem a mesma condição. Por isso, a mediação adequada da obra se faz necessária, pois a intenção não é associar a imagem da pessoa negra às doenças ou a algum tipo de deficiência, e sim, evidenciar que elas acometem todas as pessoas, sejam elas negras ou não.

A obra se configura como inovadora e ousada ao encerrar a narrativa retratando a maternidade e a paternidade de forma singular. É apresentada a felicidade de dois casais que aguardam a chegada de seus respectivos bebês, sendo um casal heterossexual e o outro homoafetivo, formado por duas mulheres negras.

A imagem retrata, com sensibilidade, ludicidade e afeto, que uma delas está grávida de gêmeos, e ambas aguardam com muito carinho a chegada dos (as) bebês. Percebe-se ainda que uma das mulheres usa um brinco com formato e cores, aludindo à luta das pessoas LGBTQIA+. Assim, a narrativa tenta incorporar também uma discussão sobre a interseccionalidade das pessoas negras, no tocante à discussão de gênero e sexualidade.

Figura 10 – Trecho da obra, *Ei, você!*



Fonte: Adeola (2021, p. 46-47). Imagem capturada pela autora, arquivo pessoal.

Ademais, em quase todas as páginas, recorre-se ao uso do negrito em uma expressão de efeito para enfatizá-la. Observou-se também o uso recorrente da imagem do girassol, pois em todas as páginas ele aparece, seja como flor ou em

uma estampa de roupa ou objetos. Essa flor, que coincidentemente é a preferida do autor, representa simbolicamente a felicidade e a positividade, pontos que a obra tenta abordar cuidadosamente ao longo da narrativa, muito embora a história conjuntamente seja utilizada para denunciar as agruras do racismo.

Considerações finais

Mediante o exposto, percebe-se que a obra analisada configura-se como uma LIJU na perspectiva antirracista, especialmente, ao abordar e retratar o protagonismo e a representatividade de personagens negros (as), a ancestralidade, a identidade, as subjetividades e o reconhecimento positivo das pessoas negras.

Além disso, a obra contribui para a construção de uma educação, dentro e fora da sala de aula, que celebre o respeito às diferenças e à diversidade cultural. Tais questões abarcam a interseccionalidade dos grupos minoritários, pessoas negras, pobres, com deficiência (PCD) e pessoas LGBTQI+.

Já as análises acerca dos aspectos literários, linguísticos e dos elementos que abrangem a sua materialidade e seus paratextos revelam uma obra de boa qualidade estética e ética, associando, de forma harmônica e envolvente, a relação texto-imagem. Contudo, faz-se necessário tanto uma mediação adequada da obra quanto o engajamento e o espírito colaborativo de toda a comunidade escolar para que, de fato, o trabalho se torne exitoso.

Dessa forma, conclui-se que é preciso investir na elucidação de pontos que se pode perceber como frágeis ou que, por si só, não consigam rasurar o racismo, combater preconceitos e superar estereótipos associados às pessoas negras. Entre esses pontos, destaca-se a necessidade de: 1) explicar para os (as) alunos (as) que a narrativa não foca apenas na história de um (a) personagem ou que há apenas um (a) protagonista, e sim, vários (as), especialmente, pessoas negras, elucidando que suas vitórias e conquistas são interligadas, assim como os desafios enfrentados; 2) fomentar a discussão e a contextualização das lutas pelo reconhecimento de direitos (civil, político, social etc.) dos grupos minoritários, especialmente, das pessoas negras pobres, pessoas com deficiência (PCD) e pessoas LGBTQIA+; 3) apresentar as personalidades negras, evidenciando os diferentes campos de

atuação, em diversos espaços sociais, e a importância da representatividade de cada um (a) na sociedade, especialmente, na brasileira; 4) explorar os aspectos literários, éticos e estéticos da obra, enfatizando a necessidade da leitura do texto-imagem em diálogo com os aspectos de sua materialidade e de seus paratextos, estimulando a fabulação, a imaginação e a sensibilização dos sujeitos-leitores.

Espera-se que esse escrito contribua positivamente para a atuação de professores (as) ao mediarem a leitura dessa obra de Adeola (2021), mas que também alcance pais, mães e responsáveis para sensibilizá-los (as) acerca da pauta antirracista e da educação que celebre a diversidade cultural, pois, conforme Oliveira (2022), todos (as) devem fazer esse trabalho, uma vez que, a luta é de todos (as).

Referências

ADEOLA, D. *Ei, você!:* um livro sobre crescer com orgulho de ser negro. Tradução de Stefano Volp. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

ADOLESCENTE morre em operação na Cidade de Deus; moradores acusam a PM e falam em cena forjada. *Portal G1*, Rio de Janeiro, 7 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/08/07/operacao-cidade-de-deus.ghtml>. Acesso em: 9 ago. 2023.

ALMEIDA, S. L. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, 4).

BEZERRA, R. A.; NEGREIRO, C. A. Literaturas afro-brasileira infanto-juvenil: as leis 10.639/03 e 11.645/2008 e suas representatividades identitárias na educação básica. In: OLIVEIRA, M. A. J.; SANTIAGO, A. R. (org.). *Literaturas afro-brasileira e africanas: produção, ensino e possibilidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2020. p. 267-287. (Coleção Pós-Crítica).

BRASIL. Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 7 ago. 2023.

BRASIL. *Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira e indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 7 ago. 2023.

CARATCHUK, A. Justiça para George Floyd: como a morte de um homem negro nas mãos de um policial inspira a luta antirracista no mundo hoje. *Portal UOL*, São Paulo, [2021]. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pel-a-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/#page4>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório.

Retratos da Escola, Brasília, DF, v. 2, n. 23, p. 95-108, jan./dez. 2008. DOI:

<https://doi.org/10.22420/rde.v2i2/3.127>.

JOHNSON, A. L. S. Estabelecendo tessituras em livros infanto-juvenis: leituras, leitores e formas de representação. In: OLIVEIRA, M. A. J.; SANTIAGO, A. R. (org.). *Literaturas afro-brasileira e africanas: produção, ensino e possibilidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2020. p. 289-319. (Coleção Pós-Crítica).

LINDEN, S. V. Nas fronteiras do livro. In: LINDEN, S. V. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. Paratextos dos livros ilustrados. In: NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, M. A. J. Educação para as relações etnicorraciais: vocês têm feito o trabalho de vocês?. In: BEZERRA, R. A.; LIMA, T.; SECCO, C. T.; FREITAS, S. (org.). *Afrolic: literatura desigualdade ensino*. Natal: Caule de Papiro, 2022. p. 134-146.

RAMOS, P. Os gêneros das histórias em quadrinhos: os diferentes gêneros. In: RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SANTANA, J. P. João Pedro e a história das “crianças matáveis” no Brasil. *Lunetas*, São Paulo, 20 maio 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/joao-pedro/>. Acesso em: 9 ago. 2023.

SILVA, L. C. M. V.; SEVERO, R. C. B. S. A literatura infantil com protagonismo negro na construção de uma educação antirracista. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 9., 2022, Canoas. *Anais [...]*. Canoas: UFRGS, 2022. p. 1-12. Disponível em:

GUEDES, K. C. F.; BARBOSA, V. M. C.; SOUZA, R. J.

Ei, você!: protagonismo e representatividade de personagens negros (as) na literatura infantil e juvenil

https://www.2022.sbece.com.br/resources/anais/9/sbece2022/1655751631_ARQUIVO_949fe93f1750f71e048a9450d331fbfc.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

SILVA, P. B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, Porto Alegre, ano 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>. Acesso em: 8 ago. 2023.

Recebido em: 25 abr. 2024.

Aprovado em: 02 jul. 2024.

Revisora de língua portuguesa: Inez Neres de Almeida Rocha

Revisor de língua inglesa: Pedro Americo Rodrigues Santana

Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

